



O ALGOZ DA HUMANIDADE

Apesar de chocantes campanhas de prevenção ao seu uso e conhecidos os seus diversos males, o cigarro continua sendo um inimigo social difícil de se vencer e segue ganhando adeptos a todo instante.

Boa parte desses novos adeptos são jovens, cujas famílias, amigos e, até mesmo, ídolos, ao fumar, demonstram prazer e despertam a curiosidade dos mais novos.

O vício começa, geralmente, com tragos casuais, que vão tornando-se regulares, e, depois que ele surge de fato, acaba havendo uma luta pelo seu fim, lembrando que é mais fácil abandonar o vício da cocaína ou do crack do que abandonar a nicotina, conforme descrição de Dráuzio Varela em “Estação Carandiru”, até porque o cigarro acaba sendo uma fuga para os problemas do usuário.

Estudos mostram que a educação recebida pelo indivíduo é diretamente proporcional à resistência ao vício, do qual, uma vez começado, é muito difícil livrar-se: 78% desejam tal objetivo, porém apenas 3% o conseguem em até um ano, após uma média de 5 tentativas.

Se a sociedade já percebeu que só tem a perder com a presença desse hábito sombrio, por que ela insiste em expor suas gerações mais novas – que são a força de trabalho de um futuro próximo – ao desejo de ingressar nesse mundo?

Para que haja um combate real ao fumo, dever-se-ia tomar a extinção do vício como um objetivo sério e fazer que cada cidadão tivesse o esforço necessário para consegui-lo, ou que, pelo menos, fosse evitada a exposição de jovens a esse hábito horrível.

A resistência dos jovens pode ter se tornado inútil em meio a tanta pressão, mas, certamente, está nas mãos da sociedade o poder de evitar que esse mal se alastre e perdure.